

FRANCISCO SIMÕES

PORTISMO À  
MANEIRA CURTA

**coolbooks**

## O uso das histórias na formação do carácter portista

Algumas leis para o uso de histórias tendo em vista o reforço de um portismo indefetível \* Da resolução de dilemas morais \* Sobre o conceito de *self-made portista* \* De quando a história principal se esgota e outras histórias oferecem oportunidades que só um educador portista vê

– Era uma vez um senhor chamado Nicolau d’Almeida...

O pequeno portista ouve o mote e rebola para a beirinha da cama. Sento-me ao lado dele, numa cadeirinha de plástico tingida de um verde-alface agoniante. As cores desde o início importam e esta cadeira nunca foi do meu agrado. Ajeito-me nela como posso e prossigo.

– No dia 28 de setembro de 1893, este senhor fundou o *Foot Ball Club* do Porto.

Pronuncio o nome do FCP assim mesmo, num tom britânico, tão fleumático quanto pedante, do mesmo modo que enunciaria outras agremiações da ilha, o *Mantchesta Iunaited* a abrir e bem à frente, o *Chelsi* logo a seguir, no seu encaço, mais atrás o menos titulado *Laicesté*. A educação do pequeno portista obedece

a uma programação. Conceder-lhe o direito de conhecer as origens da sua devoção clubística, mantendo à distância os maus exemplos, as péssimas influências, os deseducadores rivais, de que muito se falará neste relatório, é um preceito fundamental da educação portista.

Viro a página e avanço na estória. Olho para a foto do campo da rainha, um pelado miserável, e vejo-me sem alternativa.

– O Porto começou por jogar num campo pequenino.

O pequeno portista, cada vez mais ciente da progressão histórica, seja a do livrinho ou a da própria humanidade em geral, completa a ideia com graciosidade.

– Mas todas as coisas boas começam pequeninas.

No desempenho da minha função enquanto educador portista, designação doravante utilizada para indicar a principal referência no desenvolvimento de um aspirante ao portismo, decido virar a página sobre esse minúsculo revés. Faço-o com satisfação, porque o rapaz consegue justificar a pequenez inicial do clube do seu coração com o rigor que lhe tem sido sugerido nos dois meses anteriores. Um calcanhar *madjeriano* não sairia tão certo.

A narrativa evita as primeiras equipas e as suas formações estranhas. Nessa secção surpreende-me, em especial, a altivez dos cavalheiros, num asseio que não vejo a alguns senhores espartilhados pelo *smoking*, os penteados brilhantes, um ou outro que conjuga as camisolas de linho grosso com delicadas *echarpes*, que terminam em franjinhas sobre o cós dos calções.

Presumo tratem-se de vestimentas para funções alternativas, que mais parecem batas médicas em vez de um equipamento. Poupo o pequeno portista a essa maçada estética e avanço.

– Anos mais tarde, o Futebol Clube do Porto começa a jogar no...

– ... Estádio das Antas – replica o pequeno portista, nessa versão cada vez mais curta dos acontecimentos marcantes do clube, após semanas de insistente repetição da narrativa à hora de deitar. E nessa evocação prolongo a estranheza, não obstante o Estádio das Antas ser aquele retângulo onde se concretizavam todos os meus sonhos infantis e sem fronteiras, uma geografia limitada às Quartas-Feiras, dia de jogo europeu. A foto ilustra o estádio na inauguração, um anel de bancadas desdentado, com uma das centrais ainda por construir. Além do mais, esse dia 28 de maio de 1952 revelou-se fatídico de um modo que a tenacidade do ouvinte aconselha a omitir, apesar de o livro o descrever num clima de “festa e são convívio entre adeptos e jogadores”. Deve ter sido mesmo assim, deve, depois de encaixarmos oito batatas.

Demasiado sôfrego, abrevio o conteúdo das páginas seguintes, não sem a ajuda do pequeno portista que, por via de tão denodado treino, impõe a síntese para as décadas de 50 e 60.

– Vieram muitos jogadores e treinadores.

Da mesma forma que se devem ter ido embora no comboio seguinte, a aquilatar pela pobreza dos resultados, julgo eu, silencioso, à medida que avanço para

o capítulo quatro. O título, retumbante, mas apenas por uma questão de exatidão, anuncia o primado da vitória:

## DA RECONQUISTA DO CAMPEONATO ÀS GLÓRIAS EUROPEIAS E MUNDIAIS

Na foto inaugural dessa secção só poderia figurar o mentor dessa caminhada triunfal. A legenda ajuda os propósitos do educador portista e apresenta-o de forma apropriada, como se de uma personagem de banda desenhada se tratasse.

– Nos anos 70, chegou o Zé do Boné.

Talvez sempre tenha lido atabalhoadamente este trecho da história do Futebol Clube do Porto. Ou então o epíteto do malogrado José Maria Pedroto será mesmo motivo de divertimento para o pequeno portista, que me responde com uma gargalhada ou, pelo menos, com um trejeito irónico, que ainda hoje reitera com uma pergunta fundamental.

– A sério, pai? A sério que lhe chamavam Zé do Boné?

Prolongo a sua boa-disposição com dose equivalente de autoironia que, dos anos 70 do século passado em diante, qualquer portista pode dar-se ao luxo de usar e, até, de desperdiçar.

– O Zé do Boné criou uma equipa muito fraquinha.

Neste ponto, gera-se a esperada discordância. De princípio, revoltava-se. Bem sei que ele condescendia, naquelas tenebrosas páginas iniciais, sem feitos

ou curiosidades, apenas um amontoado de acontecimentos empilhados ao acaso. Vinte páginas depois, não há alma que não queira ser guiada por uma súbita mudança de acontecimentos, muito menos depois de travar conhecimento com o Zé do Boné e as suas venturosas conquistas. No entanto, um educador portista atento observará na criança uma perda momentânea de controlo sobre a realidade, um descontrolo tão próprio quanto recorrente na infância, que tenderá a evoluir, ao longo dos anos e por via de domínio completo do portismo, para patamares de suprema tranquilidade: o também chamado *nirvana tripeiro*. Sinal dessa evolução é um maior grau certeza nas tabulações do pequeno portista, com resposta na ponta de língua.

– Ó pai, o Zé do Boné criou uma equipa forte. Muito forte!

Contar a estória do FCP ao pequeno portista é uma componente fundamental da formação do seu carácter. Os valores e os símbolos de uma cultura vão sendo transmitidos entre gerações, criam uma continuidade, um património comum, porventura atravessado por exageros e distorções, mas, ainda assim, na origem de identidades, como tão bem a antropologia nos tem ensinado. No caso da educação portista, o uso de estórias obriga à observação de determinados princípios, para que delas se extraia o efeito esperado: nada mais, nada menos do que um portismo acérrimo e sem alternativa. Desde logo, será escusado propor o seu uso com o natural cuidado de dar maior destaque aos momentos de grande fulgor do clube. Essa é uma lei intuitiva,

embora mereça redobrado realce, porque toda a boa ciência interessa-se por produzir evidências, mesmo aquelas mais óbvias. Além de sublinhar os feitos, é fundamental que o educador portista sugira a superação contida em cada um deles. Se for preciso, poder-se-ão *aprimorar* determinados acontecimentos, porque o educador se encontra falho de memória ou de justificação para uma vitória pela margem mínima perante um adversário bastante inferior. As crianças adoram a fantasia quase tanto como uma goleada ao eterno rival. Fica, por isso, explícito que outro princípio da utilização da estória do FCP por parte do educador é a flexibilidade. Não se defende o estilo *livre* (por exemplo, que a equipa se encontra imbatível há dez anos), em particular nos fins de semana de pior colheita, mas também não se advoga o rigor até à vírgula. Diz-nos a psicologia cognitiva que o mundo é tal como o vemos, e desde que haja cuidado na exposição dos factos, pode ser de toda a importância o educador portista emprestar a sua visão dos acontecimentos à estória de um clube a que se chamará, muitas vezes, o Maior, ao longo deste relatório.

Para que os efeitos das histórias sejam mais pronunciados, recomenda-se, a título facultativo, o seu uso à hora de deitar. Da observação do pequeno portista, recolhem-se evidências que tornam esta abordagem bastante proveitosa. Desde logo, a tranquilidade do anoitecer facilita o respeito por pequenos detalhes de cada episódio, âncoras preciosas do portismo futuro. Um portista que se lembra do detalhe distingue-se dos

demais, e isso só reforçará a convicção do garoto. Talvez mais importante, este estudo de caso parece recomendar a partilha do passado glorioso do clube misturada com afetos. A certeza da vitória é um afago complementar ao beijinho de boa-noite que tem ajudado o pequeno portista a ter um sono descansado, aqui e ali pontuado por sonhos numa cor só: pois claro, o azul e branco.

Além de efeitos diretos, as histórias produzem vantagens secundárias para o desenvolvimento de um portismo indefetível. Talvez o melhor exemplo disso mesmo seja a estimulação da memória visual e da capacidade de sequenciação, não mais do que entender princípio, meio e fim para uma dada ação. Como? Bom, a parte mais substancial da história portista, pelo menos da que tenho cá em casa, coleciona fotografias dos onzes mais célebres em formação, antes do jogo. O impulso do pequeno portista é conhecer os alinhamentos, com a ajuda do educador. Trata-se de uma tarefa árdua, sobretudo às dez da noite. E mesmo com as pálpebras a bater asas, mal aparece o primeiro alinhamento, a equipa que perdeu a final da Taça das Taças, frente à Juventus, em 1984, o pequeno portista desperta para se envolver no desafio do costume. Da esquerda para a direita (em cima), com uma ajudinha do educador e a preciosa conclusão do pequeno portista, temos então:

- Eu...
- ...rico.
- Lima...
- Pereira.

- Eduardo...
- Luís.
- Ver...
- melhinho.
- João...
- Pinto.
- Zé...
- Beto.

A revisão periódica da história do Futebol Clube do Porto propicia, também, a resolução de importantes dilemas. Como ilustração, salienta-se a situação em que o pequeno portista se senta na cama, de braços cruzados, o beicinho adiantado num amuo, a irritação reunida numa espécie de vontade própria.

- Não quero!

Admito que, nesse dia, temi pelo pior. Os educadores portistas não se deixam amedrontar pela recusa da história, porque, felizmente, ninguém a poderá alterar. Temem, isso sim, uma renúncia ao portismo pelos pequenotes, como se ilustrará em capítulos posteriores. Em semelhantes ocasiões, movido pela dúvida, finjo um certo grau de estupidez, não muita, apenas na medida que me pode ser consentida.

- Não queres a história?

- Não, não quero que ele jogue.

Revejo o livro, a foto de um qualquer alinhamento, penso quem ficará de fora, nas opções do pequeno mister.

- E quem é que não joga?

– Este! – aponta ele, o dedo mais afiado do que a ponta de uma navalha.

– O Vermelhinho? E porque não joga o Vermelhinho?

Não percebo as ligações imediatas, mas espontâneas, criadas pela cabecinha do pequeno portista em formação. Explica-me com desembrço e clareza, atributos que, com 30 e tal anos de portismo, já deveria ter dominado.

– Como é que um jogador chamado Vermelhinho pode jogar no Porto?

Fico varado. E ele ali, à minha frente, à espera de uma resposta. O que nos leva a todos nós, portistas de coração e transmissores do portismo, a concluir que os dilemas exigem resposta concludente e imediata. O fundamental é responder, responder logo. Se a bola for por cima ou à barra, basta encolher os ombros e lamentarmo-nos. Das minhas observações, aquilo que um pequeno portista não admite é a incerteza. De modo que replico:

– Pois claro que no Porto pode jogar um Vermelhinho, um vermelho pequenino, insignificante.

O rapaz sorri. Já percebe o tom de escárnio, só não percebe o resto.

– Oh pai, o que é um insignificante?

Cá está, uma nova oportunidade de aprendizagem, neste caso, de vocabulário. Contar a história do FCP é, como se percebe, um manancial de aprendizagem.

Ao percorrer as minhas notas de investigação e a própria história, insisto na ideia: para o pequeno

portista é vital conhecer as suas origens. Sem história não há continuidade, algo que nos una, um fio de tempo, ora mais tenso, ora mais lasso, consoante os triunfos e os desaires, ficando, assim, o portismo exposto aos maiores perigos na formação do seu carácter. Como pequeno portista, faço o meu ato de contrição: vivi semelhantes perigos todos os dias e, com franqueza, não admito que ele passe pelo mesmo sofrimento. Será fácil de entender ao que me refiro. Imagine-se um garoto de 5 anos. A sua primeira memória de um jogo de futebol é uma final da Taça das Taças, em Basileia, em 1984. Imagine-se, ainda, esse miúdo a observar, sozinho, essa derrota, aos pés de Platini e Boniek. Imagine-se, depois, que não há uma alminha ao seu lado para lhe dizer:

– Rapaz, esta final é só o princípio.

Desempenhei o papel desse garoto e não foi fácil. Quando entrei para a escola primária já era demasiado portista. Na escola, conheci vários matulões, os irmãos Miranda, que faziam a fratria Metralha corar de vergonha, a Alcídia, uma rapariga apagadinha que depois foi para a América, o Guido, o bom grandalhão que tolerava todos os descontrolos esfinterianos do Zezinho, que se sentava ao seu lado na mesma carteira de plano inclinado. Entre eles, os matulões e os mais pequenos, nem um portista. Nem um que seja. O resultado disso mesmo foi o educador desta história se ter tornado um portista por iniciativa própria, um *self-made portista*, educado nos Açores dos anos 80 por relatos em onda média, cheios de ruído e, às vezes, de

golos, e pelo Domingo Desportivo, visto às escondidas a altas horas da noite, numa transmissão que demorava a chegar, porque a comunicação por feixes hertzianos não era bem a mesma coisa que a comunicação por fibra ótica. De modo que sou um portista demasiado suscetível. Não encaro essa suscetibilidade como um defeito. Bem pelo contrário. Um educador portista suscetível desconfia pouco e acerta muito. Embora baseando esta afirmação em apenas um caso observado, considero essa inquietação o instrumento mais valioso na identificação das mais sérias ameaças à educação portista.

Entretanto, a história prossegue.

– Em 1995, o Porto contrata Bobby Robson.

Ainda me lembro como se fosse hoje, mas no livro *Era uma vez o FC Porto*, está tudo tão arrumadinho que não há lugar para dúvidas. Enquanto o alinhamento do penta se revela, faço uma pergunta a mim mesmo: e a seguir? E quando o pequenote se fartar destas histórias? A questão sugere a principal limitação da narrativa, para a qual um educador portista deve estar bem avisado. É raro lermos um livro duas vezes. É corajoso ouvir a mesma história meses a fio, como fez pequeno portista, neste estudo de caso, sobretudo uma estória tão arrumadinha, sem veios ou espaços vagos, num fôlego, perfeita e previsível. É nesse ponto que a suscetibilidade ilumina. A árdua tarefa de inventar um *self-made portista* cria sempre alternativas. Quando a história se esgotou, porque inevitavelmente isso sucederia, outras histórias oferecem infinitas

possibilidades de reforçar o portismo de forma indireta. Indireta, mas intencional. Veja-se a seguinte ilustração que tem vindo a ser ensaiada:

Educador portista: Era uma vez um carro vermelho, chamado Faísca McQueen. O carro vivia muito infeliz.

Pequeno portista: E porquê, pai?

Educador portista: É simples, querido: porque era vermelho e queria muito ser azul.